

A poesia de Eugênio de Andrade: o retrato da vida na incessante busca do ser

AMANDA APARECIDA RODRIGUEIRO*

Resumo

A poesia de Eugênio de Andrade, autor português conhecido pelo retrato do homem e da vida transmutado e permeado pelos quatro elementos, revela o âmagô do ser na busca incessante de se conhecer e firmar como tal, por meio de uma linguagem pictórica que conduz a imagens puras e sensíveis do ato de viver. Este artigo objetiva apresentar uma leitura de textos poéticos selecionados, que suscitam reflexões acerca do homem e sua humanidade, um possível caminho de leitura da vida revelada, sugerida na poesia eugeniana. Consideramos que é pela e na Literatura que há o constante “re olhar” de si e do outro e dos lugares “localizados” nos deslocamentos, nas partidas e nas chegadas, evidenciando, assim, o modo como o homem e o seu imaginário (re) constituem-se em meio às transformações sócio-históricas.

Palavras-chave: poética eugeniana; revelação lírica.

Abstract

Poetry of Eugenio de Andrade, Portuguese author known for his portrayal of man and transmuted by the four elements and permeated life reveals the core of being in relentless pursuit to meet and establish itself as such; through a pictorial language that leads to pure and sensitive images of the act of living. In this sense, the discussion of poetic texts chosen, which give rise to reflections about man and his humanity, is one possible way of reading life revealed by the artistic text. Once and for Literature is that there is a constant "re looking" for self and other and places, "located" in shifts, the departures and arrivals; thus underlining how the man and his imaginary (re) constitute amid the socio-historical transformations.

key words: eugeniana poetic; lyrical revelation.



* **AMANDA APARECIDA RODRIGUEIRO** é Mestra em Letras pela Universidade Estadual de Maringá, Brasil e professora do Núcleo Regional de Educação.

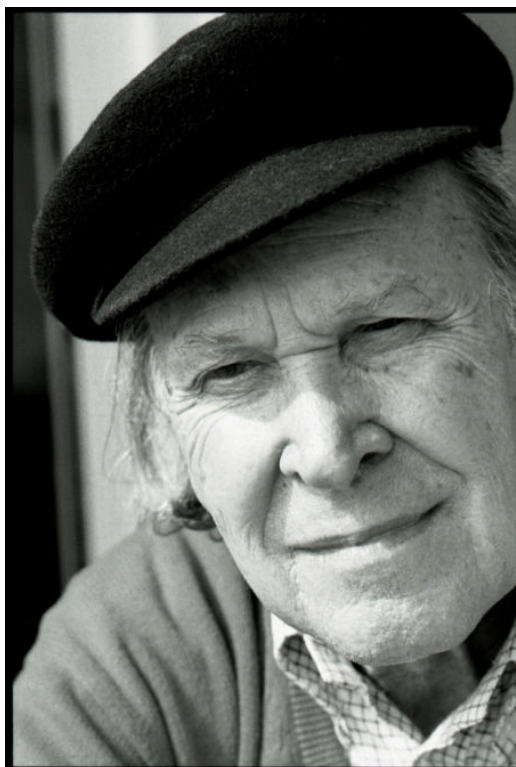
1 - Considerações iniciais

Cândido (1972), em *A Literatura e a formação do homem*, afirma que a Literatura humaniza à medida que faz viver, com as sombras e as luzes, nesse sentido, é pela e na palavra literária que o homem se (re) descobre, por meio dos deslocamentos, partidas e chegadas, propondo-se um re-olhar de si e do mundo. Consoante essa perspectiva de

estudo, a poesia de Eugênio de Andrade vem suscitar profundas reflexões acerca da busca do homem, de si, permeada pela palavra redentora. Além do que, sua poesia, construída sob uma linguagem pictórica, conduz a imagens puras e sensíveis do ato de viver.

Eugênio de Andrade, autor português conhecido pelo retrato do homem e da vida, transmutado e permeado pelos quatro elementos, revela o âmago do ser, no esforço de se conhecer e se firmar como tal, por meio de uma construção poemática pictórica. Logo, a discussão de alguns dos seus poemas é um possível caminho de leitura dessa vida revelada pelo texto artístico, o “lugar” possível do reencontro consigo e com o outro, pela (re) constituição do seu imaginário.

Sob essa perspectiva, o presente estudo objetiva apresentar uma breve leitura de alguns poemas selecionados, visando discutir a presença da temática da busca do ser, por meio de imagens sugeridas pela criação poética de Eugênio de



Eugênio de Andrade, pseudônimo de José Fontinhas (1923-2005)

Andrade e os recursos presentes nos poemas, que permitem essa visualização/reflexão, ressaltando-se tanto a sua escrita poética, como o efeito de sentido provocado na “pintura” da alma humana.

Os poemas selecionados pertencem à antologia *Poemas de Eugênio de Andrade* organizada por Saraiva, da Editora Nova Fronteira, ano de 1999. Seleção

pautada na contundência da

temática da revelação do ser.

Para a realização desse estudo, algumas leituras serviram de base, como a teoria da estilística, segundo Martins (2000), a retórica, vista sob as discussões de Tringali (1988). Leituras sobre a presença da imagem no texto poético, como as propostas de Aguiar e Silva (1990) e Bosi (1993), bem como teorias que explicam o papel do leitor, a sua recepção e o efeito produzido no leitor conforme Jauss (1994) e Iser (1999).

2 – Eugênio de Andrade e sua escrita poética

Nascido em 1923, em Póvoa de Atalaia, Eugênio de Andrade, cujo verdadeiro nome era José Fontinhas, era filho de camponeses tendo descendência materna de origem espanhola, graças à qual teve contato com a literatura espanhola. Mudou-se aos 10 anos para Lisboa e mais tarde fixou-se no Porto, sempre acompanhado da mãe. Na

última década, viveu na Fundação Eugênio de Andrade, no bairro do Porto até sua morte, em junho de 2005.

Eugênio de Andrade é autor de uma vasta produção literária, tendo publicado mais de 40 livros de poesia e outros de prosa, infantis, antologias e traduções. Contudo, é a sua obra poética que lhe confere grande prestígio, tendo sido diversas vezes agraciado com importantes premiações literárias, dentre as quais se destaca o Prêmio Camões (2001), o mais importante prêmio da língua portuguesa.

A poesia de Eugênio de Andrade vincula-se à busca da plenitude da vida, assim a palavra/poesia é libertadora. Assim, na busca de viver, o poeta tem na palavra a imagem mais concreta do seu desejo.

Óscar Lopes citado por Moniz (1997), ao se referir à obra poética de Eugênio, exalta a poesia que liberta com sensações despertas. Classifica-a como uma poesia límpida, feita de mãos humanas que evoca “o subterrâneo rio de palavras”: ora matinal e clara como a adolescência, ora densa:

[...] uma tal poesia como a de Eugênio de Andrade traz consigo uma expansão humana que, levada às últimas consequências, seria pelo menos tão importante como a de ir além da gravitação terrestre; porque não valerá a pena chegar às nebulosas mais longínquas se não nos levarmos a nós próprios conosco (MONIZ, 1997, p.118).

Eduardo Lourenço (1996) afirma que na poesia eugeniana a busca da vida, no que ela tem de mais puro e feliz, reside na ideia da sua plenitude em relação à morte, no que diz respeito aos contínuos ciclos da vida, tornando-a eterna. E diante dessa constatação, não há angústia na sua poesia, mas serenidade ou, pelo menos, a sua busca. E o fazer

poético é quem possibilita a “posse feliz do mundo e de si mesmo”. Eis a grandiosidade da poesia, “a conciliação impensável e, todavia, existente da nossa realidade e do nosso sonho, por palavras que miraculosamente, dizem o indizível” (LOURENÇO: 1996). E, por conseguinte, “o poema aparece, como o lugar da unidade humana reencontrada”, embora fragilmente.

Conforme o renomado crítico, a poesia é o próprio ciclo do viver e morrer, que se presentifica com a palavra, na sua imortal recriação. E é ela quem dá a consciência da fragilidade da vida, evitando a sua mitificação e a queda do homem.

A poesia cria a realidade, por meio da palavra. Desse modo, a palavra é a própria realidade mediadora entre os homens e as coisas. E sob essa perspectiva, é a linguagem senhora do homem. E ao poeta cabe apoderar-se da linguagem e por meio dela criar a realidade que está além da nossa humanidade e da existência das coisas, que só somos o que somos por meio da palavra.

Como afirma Lourenço (1996), Eugênio de Andrade, por sua poesia exprime, justamente, esse movimento máximo da palavra-cristal, cria a realidade na qual nos insere por meio da palavra:

Parece haver uma estranha desproporção entre a matéria frágil que nos transfigura, poema, quadro ou sinfonia, essa vertiginosa metamorfose da existência humana. [...] Através deles se cumpre o mais fabuloso e paradoxal milagre: tornamo-nos no que já somos (LOURENÇO, 1996, p.127).

Os comentários críticos sobre Eugênio de Andrade propõem uma visão ampla da sua obra, revelando temáticas e estilo recorrentes na sua obra. Consideram, pois, sua poesia caracterizada pela

importância dada à palavra, tanto pelo seu valor imagético, quanto pela temática apresentada de modo contundente: a figuração do homem que se integra à natureza, composta pelos elementos: terra, água, fogo, e ar, na eterna busca de si.

Contudo, quando se discute recepção de leitura, muitos fatores gerais considerados pela crítica (contexto, estilo etc) podem não ser considerados, na medida em que a leitura é produzida a partir de alguns conhecimentos específicos e particulares que dialogam com alguns textos apenas. É, pois, sob essa perspectiva, que se pretende fazer a leitura de alguns poemas de Eugênio de Andrade.

3 – A busca do ser – um re-olhar: possíveis leituras

A leitura dos poemas selecionados está pautada nos cinco níveis que os estruturam, ressaltando-se o plano fonosemântico. Partindo-se da composição estrutural dos poemas, observando os aspectos retóricos e/ou estilísticos presentes, atentar-se-á para a temática da figuração do homem, integrado à natureza (composta pelos quatro elementos) e discutir-se-á o efeito de sentido causado por sua construção poética.

Da obra *As mãos e os frutos* (1948), o poema selecionado, sem título, é composto por três quintetos, cujos versos variam entre seis e sete sílabas poéticas, sendo o primeiro verso da última estrofe octossílabo. O esquema rítmico apresenta-se variado, tendo rimas emparelhadas e alternadas, consoantes e toantes: ABCCB/DEFEF/GGHGH.

Não canto porque sonho.
Canto porque és real
Canto o teu olhar maduro,

o teu sorriso puro,
a tua graça animal.

Canto porque sou homem.
Se não cantasse seria
o mesmo bicho sadio
embriagado na alegria
da tua vinha sem vinho.

Canto porque o amor apetece.
Porque o feno amadurece
nos teus braços deslumbrados.
Porque o meu corpo estremece
por vê-los nus e suados.
(ANDRADE, *apud* Saraiva, 1999, p.29)

Inicialmente, o eu-lírico, numa atitude retórica, nega o *status* da poesia enquanto fantasia, para afirmar, no segundo verso, a “verdade” da poesia que é a realidade, porque canta o amor real: “Não canto porque sonho/Canto porque és real”. Por meio de uma gradação, deslinda a realidade que o amor encerra e, em consequência disso, a própria palavra que o canta corporifica-se pela materialidade física do “olhar maduro”, “sorriso puro” e “graça animal”.

Na segunda estrofe segue-se a explicação retórica, reiterada pela conjunção “porque”, sobre os motivos os quais o eu-lírico tem para cantar: se a realidade do amor é o primeiro motivo anunciado, revela-se um outro: a necessidade do homem de se comunicar, que se faz assim porque tem a palavra, ou seja, é o canto que diferencia o homem do animal: “Canto porque sou homem/ Se não cantasse seria/o mesmo bicho sadio”.

Na terceira estrofe, o eu poemático reitera o grande motivo para cantar/escrever: o amor. Nesse sentido, pode-se ler que o canto transfigurado em poesia/palavra é quem tira o homem da sua condição de bicho, uma vez que

a palavra o humaniza, e tudo isso só acontece por causa do amor, o principal motivo que move o homem: a alegria de viver. Entende-se que escrever (cantar) é uma necessidade física como amar: “Canto porque o amor apetece/ Porque o feno amadurece/ nos teus braços deslumbrados/ Porque o meu corpo estremece/ por vê-los nus e suados”.

Nota-se o canto ao amor sensual, corpóreo, construído gradativamente e proposto pelos adjetivos carregados de sensualidade quase animalesca: “graça animal”, “bicho sadio”, “vinha sem vinho”, “braços deslumbrados, nus e suados”.

A presença do cromatismo revela a luminosidade que emana de uma linguagem plástica, propiciando uma cena descrita, através de cores fortes e alegres, trazidas à tona por meio dos elementos da terra. O “feno” maduro irradia o seu dourado, assim como o olhar maduro que também irradia luz, e a “vinha sem vinho” (metáfora do ser/corpo amado) que remete à cor quente, do tipo vermelho vibrante, ou um rosado ofegante. Observa-se, assim, que a terra (a natureza) e o homem estão prontos para produzir (no caso do homem: viver e amar), pois tanto o olhar (metonímia do homem) como o feno está “maduro” (pronto).

O amor “cantado” nesse poema aparece ligado à terra, origem do homem, fonte de energia e vida com os seus frutos; onde a vida e o amor acontecem plenamente. O elemento terra, presente nesse poema, é metaforizado pelos vocábulos “vinha”, “feno” e “corpo”. Nota-se um recurso estilístico singular: o aparente despojo de maiores artificios e a busca da palavra sóbria, exata, singela, quase “nua”, que, num jogo paradoxal, revela muito e profundamente o ser humano. A palavra não tão rasa quanto parece é reveladora

do ser. A economia de palavras é tida, por exemplo, pela recorrência do polissíndeto (porque), anáfora/paralelismo (Canto porque), elipse (o teu sorriso puro).

O efeito de leitura, causado pela construção linguística, reverbera a plasticidade da poética eugeniana. Ao sugerir o cromatismo luminoso, propõe o enaltecimento do amor e da vida na sua plenitude, numa relação harmônica do homem com a natureza.

Reiterando a ideia de que é pela escrita poética que o homem se busca constantemente, o poema anuncia três motivos para cantar/escrever: o primeiro é a busca da realidade, pois escreve sobre a corporeidade: “Canto o teu olhar maduro/ a tua graça animal”. Entretanto, o eu-poético necessita mais: escreve para se humanizar, se (re) buscar, firmar sua condição humana: “Canto porque sou homem/ Se não cantasse seria o mesmo bicho sadio” e, finalmente, o maior dos motivos da sua escrita, buscar a vida em plena essência tanto física, quanto emocional: o amor, a alegria de viver, o sentir-se vivo. A necessidade de escrita é tão física quanto intelectual, por meio dela o homem sente-se pronto “maduro” para amar, para escrever, para viver.

Da coletânea *Mar de Setembro* (1961) foi selecionado o poema *Espelho*, composto por versos brancos e livres, agrupados em doze estrofes de tamanhos variados, cuja temática revelada a partir do título, reverbera a busca de si. O espelho reflete uma imagem, porém, “qual” e “como” está refletida são as discussões que o poema suscita:

Espelho

Que rompam as águas:
é de um corpo que falo.

Nunca tive outra pátria,
nem outro espelho;
nunca tive outra casa.

É de um rio que falo;
desta margem onde soam ainda,
leves
umas sandálias de oiro e de ternura.

Aqui moram as palavras;
as mais antigas,
as mais recentes:
mãe, árvore,
adro, amigo.

Aqui conheci o desejo
mais sombrio,
mais luminoso;
a boca
onde nasce o sol,
onde nasce a lua.

E sempre um corpo,
sempre um rio;
corpos ou ecos de colunas,
rios ou súbitas janelas
sobre dunas;
corpos:
dóceis, doirados montes de feno;
rios:
frágeis, frias flores de cristal.

E tudo era água,
água,
desejo só
de um pequeno charco de luz.

De luz?
Que sabemos nós
dessas nuvens altas,
dessas agulhas
nuas
onde o silêncio se esconde?
Desses olhos redondos,
agudos de verão,
e tão azuis
como se fossem beijos?

Um corpo amei;
um corpo, um rio;
um pequeno tigre de inocência
com lágrimas
esquecidas nos ombros,

gritos
adormecidos nas pernas,
com extensas, arrefecidas
primaveras nas mãos.

Quem não amou
assim? Quem não amou?
Quem?
Quem não amou
está morto.

Piedade,
também eu sou mortal.
Piedade
por um lenço de linho
debruado de feroz melancolia,
por uma haste de espinheiro
atirada contra o muro,
por uma voz que tropeça
e não alcança os ramos.

De um corpo falei:
que rompam as águas.
(ANDRADE, *apud* Saraiva, 1999,
p.73-75)

O poema, estruturado a partir de anáforas e antíteses de valor metafórico, pode ser dividido em dois momentos distintos. O primeiro (revelado pelas seis primeiras estrofes) apresenta o momento presente, no qual o eu-lírico se propõe a falar de um corpo, enaltecendo suas características, dentre as quais a principal é refletir a vida. O segundo momento (da sexta à décima segunda estrofe) volta-se às recordações passadas com questionamentos e reflexões acerca dessas vivências e encerra-se com o fechamento de um ciclo.

As anáforas “sempre um corpo/sempre um rio”, “quem?/quem não amou?”, “por um lenço/por uma haste/por uma voz”, “um corpo amei/um corpo” reforçam a idéia de repetição contínua do ciclo do rio e da vida. Também as antíteses “as palavras antigas/recentes”, “o desejo sombrio/luminoso” ressaltam

a idéia do movimento caleidoscópico da vida, que traz continuamente alegrias e tristezas, presente e passado, vida e morte. Ou seja, ambas reiteram o caráter dialético da vida, como um ciclo e, metaforicamente, da palavra, que também cumpre seu papel de eterna (re) configuração do homem.

Atentando para os recursos estilísticos, observa-se a principal metáfora do poema, o espelho, que, gradativamente e, sempre permeada pelos elementos da natureza, transfigura-se no corpo, na casa, no rio, em janelas sobre dunas, nos montes de feno, flores de cristal, charco de luz, pequeno tigre e, sobretudo, na palavra. Dessa maneira, os elementos naturais que estão intrínsecos à vida, aqui se revelam pelas imagens correspondidas: a terra é configurada pela pátria, casa, margem, árvore, colunas, dunas, montes de feno, pequeno tigre, muro e ramos. Já a água é tida pelo rio, frias flores de cristal e lágrimas, o ar é visto por “nuvens altas” e pelo adjetivo “leves” e o fogo, pelo sol, “olhos redondos agudos de verão”.

Sob essa perspectiva de leitura, a primeira transfiguração do espelho é em corpo/rio; “Que rompam as águas/é de um rio que falo. Em seguida, por relação de contiguidade, pautada ora na anáfora, ora no paralelismo, o corpo é descrito como pátria, espelho, casa: “Nunca tive outra pátria,/nem outro espelho;/nunca tive outra casa”. Esse corpo é apresentado como um lugar, ideia justificada pela anáfora “aqui” e pelos substantivos a ele referentes: pátria, casa, desta margem. Ao longo do poema, figura-se em outras imagens, como o espelho, a água (a palavra) que tudo reflete, mas, no intento de encontrar-se, sempre volta a si: “Sempre um corpo/sempe um rio/corpos ou ecos de coluna/ E tudo era água”.

A palavra adquire *status* de lugar, concretizando-se pelos elementos “casa, pátria, espelho, rio, corpo etc.”. Ou seja, a palavra é o “lugar” onde a vida acontece, com sua força natural e material como a própria vida, com suas contradições, súplicas, lembranças, desejos, descobertas, que num ir e vir espelham todo esse ciclo de viver (começo e fim) e desvelam ao homem a sua materialidade/humanidade, porque é a própria vida que faz viver: “Nunca tive outra pátria,/nem outro espelho/Aqui moram as palavras:/Aqui conheci o desejo/E sempre um corpo/sempe um rio”.

Permeia o poema a descrição de um ciclo (do rio, da vida, da palavra/poesia). Revelando o início: “Que rompam as águas/é de um rio que falo”/ “Aqui moram as palavras”. A continuidade do ciclo da vida é reiterada pelo advérbio “sempre”, no verso: “E sempre um corpo/sempe um rio”. As transformações do ciclo são vislumbradas nos versos: “Corpos ou ecos de colunas/rios ou súbitas janelas/sobre dunas/corpos;/dóceis, doirados, montes de feno/rios;/frágeis, frias flores de cristal” e o seu fim, que se reinicia: “De um corpo falei:/que rompam as águas”.

A corporeidade da palavra revela-se por meio de uma linguagem plástica, que revela um movimento de metáfora. Nesse movimento, a palavra é corpo, é rio, é desejo, é boca, é flor, é luz, é olho agudo de verão, enfim, a palavra é espelho que reflete a vida (que cumpre o seu ciclo, com suas transformações), pois ela é o próprio corpo que vivencia tudo isso. Inúmeras imagens, pois, são refletidas nesse jogo de luzes e sombras, tidas pelas palavras que se repetem anaforicamente, se contradizem ou se transformam. Um exemplo dessa linguagem visual, no poema, é a

imagem formada de um rio em movimento, claro, luminoso, fluido, sobrepondo-se à imagem de um corpo jovem, sensual, que vivencia o amor, mesclando-se à imagem da natureza, ao mesmo tempo, espectadora e ativa, com a luz do verão a produção de frutos, flores na primavera, tudo isso sugerido em um movimento sensual da vida que se repete, se transforma, enfim, se reflete: “Aqui conheci o desejo”, “Desses olhos redondos/ agudos de verão/ e tão azuis/ como se fossem beijos?”, “Um corpo amei/ um corpo, um rio/um pequeno tigre de inocência”, “Aqui moram as palavras/as mais antigas/ as mais recentes”.

Na visualização das imagens emanadas do poema configura-se a importância do cromatismo. A luminosidade da vida se presentifica através das cores dos corpos que as reluzem: as sandálias são de ouro às margens do rio, o desejo luminoso de um corpo, o nascimento do sol, os corpos dourados, montes de feno, as flores de cristal, um pequeno charco de luz, os olhos agudos de verão e tão azuis. Mesclam-se as cores, o amarelo e o dourado do sol, os “charcos de luz” e a ideia do verão com o sol e o céu sempre azul. O texto é iluminado e colorido.

Quanto à construção sintática, observa-se que o poema, numa atitude retórica apresenta os mesmos versos no início e no final do texto (com exceção do verbo final, no passado, revelando que o tempo cumpriu o seu ciclo e o iniciará novamente). Contudo, os versos finais estão postos como se fossem o reflexo num espelho, reiterando o plano semântico: “Que rompam as águas: é de um corpo que falo” *versus* “De um corpo falei: que rompam as águas”. Assim, a ideia que fica é da poesia-espelho que tudo reflete, porque é a própria vida, na sua força natural da

água, do amor, com suas contradições e súplicas. A palavra reflete o começo e o fim, a vida, o homem e suas transformações no poema.

Da obra *De Véspera da Água* (1073), tem-se o poema *Três ou quatro sílabas*. De três quadras não rimadas, cujos versos livres são metrificadas entre quatro e treze sílabas poéticas. Os versos mais longos e a ausência de rimas dão um tom mais seco, menos ritmado ao poema, cuja temática envolve a presença da morte, num tom quase melancólico, partindo sempre da força atribuída à palavra:

Três ou quatro sílabas

Neste país
onde se morre de coração
inacabado
deixarei apenas três ou quatro
sílabas
de cal viva junto à água.

É só o que me resta
e o bosque inocente do teu peito
meu tresloucado e doce e frágil
pássaro das areias apagadas.

Que estranho ofício o meu
procurar rente ao chão
uma folha entre a poeira e o sono
húmida ainda do primeiro sol.
(ANDRADE *apud* Saraiva, 1999, p.98)

O poema *Três ou quatro sílabas*, inicialmente, remete ao ofício da escrita, em um sentimento quase melancólico, instigado pela presença da morte, expresso nos versos “onde se morre de coração inacabado”, “só o que me resta”, “estranho ofício”. Entretanto, o sentimento inicial é convertido no último verso miraculosamente, pelo poder da palavra. Quando todas as palavras vêm, num crescente, ligadas ao desabafo diante da morte, no último

instante surge, pelas palavras, a luz da vida na sua força total.

Esse poema revela um recurso estilístico-retórico usado pelo poeta em algumas obras, a surpresa dos versos finais, numa virada metafórica. Observe-se o movimento metafórico, usado num sentido retórico de modo a persuadir o leitor sobre a ideia que a vida permanece incólume à morte, pela força viva dada às palavras:

Que estranho ofício o meu
procurar rente ao chão
uma folha entre a poeira e o sono
húmida ainda do primeiro sol.
(ANDRADE *apud* Saraiva, 1999, p. 98).

O ofício do poeta é falsamente modesto: a busca da imortalidade grandiosa da vida (uma “folha húmida ainda do primeiro sol”). A palavra-folha impregnada de luz na materialidade (rente ao chão) ou nos elementos mais simples, que passam despercebidos e se acabam na sua finitude, (a folha entre a poeira e o sono). O eu-poético, portanto, traduz o seu ofício de artesão que busca a palavra viva, o único caminho para a descoberta de si, uma vez que “É só o que me (lhe) resta”, num mundo “onde se morre de coração inacabado”: a eterna dialética da (re) constituição de si.

Quanto ao efeito causado no leitor, pode-se afirmar que “três ou quatro sílabas” exprimem a vultosa força da palavra literária, que reitera a vida no seu sentido mais amplo, porque faz viver na medida em que provoca sentimentos e/ou reflexões e as mais profundas possíveis (muitas vezes, não podem ser tão bem traduzidas, senão pela linguagem poética: eis o sumo poder de “três ou quatro sílabas”, exalam vida e grudam n’alma; não morrem jamais!).

Encerrando com o poema *Trabalho com a frágil e amarga*, pertencente à coletânea *O peso da sombra* (1982), em linhas gerais, reverbera a mesma consciência do eu-poético acerca do caráter redentor da palavra poética que faz a humanidade acontecer no homem, à medida que desautomatiza olhares, trazendo a vida com suas luzes e sombras. Com isso, o poeta reafirma sua qualidade de artesão da palavra na constante busca de vida, nos versos:

Trabalho com a frágil e amarga
matéria do ar
e sei uma canção para enganar a morte –
assim errando vou a caminho do mar.
(ANDRADE *apud* Saraiva, 1999, p.137)

Há na construção poemática um jogo retórico de forças contraditórias que, ironicamente, revelam a supremacia da palavra: a metáfora “frágil e amarga matéria do ar” remete ao caráter paradoxal da palavra e sua aparente fragilidade, entretanto, adquire imenso poder pelo ofício do eu-poético, ao suplantar a morte: “e sei uma canção para enganar a morte”. A palavra é a música para não morrer, por isso, o eu-poético, continua buscando-a e também a si mesmo nos desacertos, nas luzes e sombras e nos caminhos da vida/palavra, no verso “assim errando vou a caminho do mar”.

5 - Considerações finais

Realizada a leitura dos poemas, no sentido de discutir a temática da busca da (re) descoberta do ser pela palavra, pode-se afirmar que eles suscitam imagens da vida plena no seu movimento dialético de transformação (concretizados pelos quatro elementos – observe-se, sobretudo, no poema

Espelho) e do homem que vive essa plenitude, (re) dimensionando-se a cada palavra. A palavra poética sempre surge configurada pelos elementos naturais. A realidade humana é suscitada a cada leitura dos versos, realidade que remete à integração do indivíduo ao universo, revelando-lhe o conhecimento de si.

Constata-se, pois, o esmero da palavra poética eugeniana reveladora da humanidade do homem, no que ele tem de mais simples e complexo: sua materialidade corporal, reiterada pelos quatro elementos (água, ar, terra e fogo) e a palavra (o discurso poético) que o constitui enquanto ser pensante, sobretudo “sentinte”, por isso mesmo, vivente. A proposta poética do autor, nesse sentido, contribui para a (re) constituição do imaginário humano à medida que revigora a força dada à palavra tanto pelo seu valor imagético quanto pela simplicidade e concretude com a qual anuncia a vida plena de sentidos, onde o homem se (re) encontra, constantemente.

Referências

- AGUIAR e SILVA, V. M. *Teoria e Metodologia Literária*. Lisboa: Universidade Aberta, 1990.
- BOSI, A. *O ser e o tempo da poesia*. São Paulo: Cultrix, 1993.
- CANDIDO, A. *A literatura e a formação do homem*. Revista, v.24, n.9, p.803-809, 1972.
- ISER, W. *O ato da leitura: uma teoria do efeito estético* – vol.2 / Wolfgang Iser; Trad. Johannes Kretschmer. São Paulo: Ed. 34, 1999.
- JAUSS, H.J. *A História da Literatura como provocação à teoria literária*. Trad. Sérgio Telleroli. São Paulo: Ática, 1994.
- LOURENÇO, E. *O espelho imaginário*. Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 1996.
- MARTINS, N.S. *Introdução à Estilística: a expressividade na língua portuguesa*. São Paulo: T.A.Queiroz, 2000.
- MONIZ, A. *Para uma leitura de sete poetas contemporâneos*. Lisboa: Editorial Presença, 1997.
- SARAIVA, A. *Poemas de Eugénio de Andrade/ Eugénio de Andrade*; [seleção, estudo e notas de Arnaldo Saraiva]. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999.
- TRINGALI, D. *Introdução à Retórica: a retórica como crítica literária*. São Paulo: Duas Cidades, 1988.

Recebido em 2014-11-04
Publicado em 2015-01-15